

O efeito Duras. Relato breve de um embate

Luís Mestre

Universidade do Porto - ILC

Recordo-me de ler, aos dezanove, vinte anos, provavelmente de uma forma ingénua, *Anna Karenina* de Tolstoi. Lembro-me perfeitamente do momento em que ela se lança para baixo do comboio. Da descrição, das palavras. Lembro-me de voltar atrás e reler repetidamente, e sentir que, naquele momento, o que eu gostaria de fazer na vida era escrever. Escrever, apenas. Não sabia se queria escrever teatro, romances, contos ou novelas. Eu queria escrever. E como estava numa idade em que pensamos que sabemos tudo, comecei a fazê-lo. Até que um dia, no Verão seguinte talvez, encontro Duras. E fiquei impressionado com a escrita dela. Depois de a ler percebi, penso ter percebido na altura, o peso e a responsabilidade de escrever. É uma enorme responsabilidade. E parei imediatamente... durante quinze anos. E em todo esse tempo não escrevi uma única linha, embora soubesse que queria escrever o resto da minha vida. E estava sempre a voltar aos livros de Duras... ainda hoje tenho uma relação de vai-e-vem com a autora. De uma forma mais ou menos aleatória, dou por mim a voltar a um ou a outro livro, e a ler apenas uma ou duas páginas para me recordar de momentos da sua escrita, para beber desses mesmos momentos.

À cerca de cinco anos, recomecei a escrever. Decidi fazê-lo. Talvez por achar que já não sabia tudo ou por duvidar se sabia alguma coisa, comecei a escrever teatro. E nesse preciso momento, percebi que todos aqueles anos de embate com a escrita de Duras, foram uma longa viagem, uma travessia. O peso da página em branco, o peso da

caneta, esse embate, a mancha de texto, todas essas coisas fizeram parte desse caminho. Consegui passar à escrita... até aos dias de hoje. Continuo a escrever.

O que começo a compreender ao fim destes anos, é que as minhas personagens começam a “desaparecer”. Começam a tornar-se espectrais. Difusas. Se há alguns anos "trabalhava" num ambiente mais realista (pensava no conflito, na composição da personagem, etc), hoje a minha ideia de começar a escrever, quando começo a fazê-lo, retém-se numa única frase: “alguém fala, alguém ouve”. É mais à flor da pele. E sabendo, ao mesmo tempo, que cada vez é mais difícil escrever. Sim, as minhas personagens começam a “desaparecer”...

Outra coisa que aprendi com esta relação, com este efeito durasiano, tem a ver com o tempo da escrita. Uma nova travessia. Recordando os últimos cinco anos, nos textos dramáticos que escrevi, fico com a ideia de uma ligação permanente. Como uma relação amorosa ou um segredo sempre presente. Como se as palavras fossem o meu segredo. Como se o texto fosse um amante. São meses sem escrever uma única palavra, mas que pertencem ao tempo da escrita. Há uma presença constante, ligado como um mantra, como um bordão. Tomo pequenas notas que se vão acumulando. A ideia de reza é constante, a ideia da palavra circular, de testar a palavra, de encontrar e testar as palavras certas. A responsabilidade de escrever a palavra certa. E do peso dessa responsabilidade.

Provavelmente, esta ligação à palavra foi o que Duras me ensinou. O efeito Duras... continua, tornando cada vez mais árdua a escolha da palavra, do tempo certo, do lugar certo, esse tom pausado da escrita. O efeito Duras em mim que ainda hoje perdura.